

ARTIGO

GATEWATCHING E CURADORIA COLABORATIVA NA SELEÇÃO DAS FONTES POPULARES PELO RADIOJORNALISMO DA BANDNEWS RIO FM

Copyright © 2018
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisas
dores em Jornalismo

LUAN JOSÉ CHAGAS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil
ORCID: 0000-0002-2491-8479

DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1080

RESUMO – O artigo apresenta resultados de uma observação sistemática e entrevistas com jornalistas que produzem o radiojornal local da *BandNews FM* no Rio de Janeiro. O objetivo é analisar como o processo de *gatematching* é executado na seleção das fontes via *WhatsApp* na emissora e as especificidades no trabalho desenvolvido nas redações de radiojornalismo. Uma das principais características apresentadas pela emissora é o alto número de vozes populares selecionadas por meio da interação no aplicativo de mensagens instantâneas. Os dados mostram um encaixe temático das vozes populares selecionadas, a curadoria colaborativa em conjunto com os ouvintes e os constrangimentos organizacionais na apuração com o perfil do jornalista sentado e ausente do palco dos acontecimentos. Ao contrário de outros meios, o rádio demanda atualização contínua e a descentralização na seleção dos materiais levados ao ar. Nesse sentido, a pesquisa aponta características que o trabalho no ambiente radiofônico demanda dos jornalistas e as novas estratégias desenvolvidas nas redações com o envolvimento dos públicos via plataformas de redes sociais.

Palavras chave: *Gatematching*. Curadoria. Fontes. *BandNews FM*. Radiojornalismo.

GATEWATCHING AND COLLECTIVE CURATION: selecting popular radio journalism sources at *Bandnews Rio FM*

ABSTRACT – The article presents results of a systematic observation and interviews with journalists who produce the local radio news program of *BandNews FM* in Rio de Janeiro. The objective is to analyze how the *gatematching* process is executed in the selection of the sources via *WhatsApp* in the transmitter and the specificities in the work developed in the editorial offices of radiojournalism. One of the main features presented by the broadcaster is the high number of popular voices selected through interaction in the instant messaging application. The data show a thematic fit of the selected popular voices, the collaborative curation together with the listeners and the organizational

constraints in the investigation with the profile of the journalist sitting and absent from the stage of the events. Unlike other media, radio demands continuous updating and decentralization in the selection of materials taken to the air. In this sense, the research points out characteristics that work in the radio environment demands from journalists and the new strategies developed in the newsrooms with the involvement of the public via social networking platforms.

Key words: Gatewatching. Curatorship. Sources. *BandNews FM*. Radiojournalism.

GATEWATCHING Y CURADURÍA COLABORATIVA EN LA SELECCIÓN DE LAS FUENTES POPULARES POR EL RADIO PERIODISMO DE BANDNEWS

RESUMEN – El artículo presenta resultados de una observación sistemática y entrevistas con periodistas que producen el radio de periodismo local de *BandNews FM* en Rio de Janeiro. El objetivo es analizar cómo el proceso de *gatewatching* se ejecuta en la selección de las fuentes vía *WhatsApp* en la emisora y las especificidades en el trabajo desarrollado en las redacciones de radio-periodismo. Una de las principales características presentadas por la emisora es el alto número de voces populares seleccionadas por medio de la interacción en la aplicación de mensajería instantánea. Los datos muestran un encaje temático de las voces populares seleccionadas, la curaduría colaborativa en conjunto con los oyentes y las limitaciones organizacionales en el recuento con el perfil del periodista sentado y ausente del escenario de los acontecimientos. A diferencia de otros medios, la radio demanda de actualización continua y la descentralización en la selección de los materiales llevados al aire. En ese sentido, la investigación apunta características que el trabajo en el ambiente radiofónico demanda de los periodistas y las nuevas estrategias desarrolladas en las redacciones con la participación de los públicos vía plataformas de redes sociales.

Palabras clave: *Gatewatching*. Curaduría. Fuentes. *BandNews FM*. Radio periodismo.

1. Introdução

A *BandNews Rio* é parte de um conjunto de emissoras sob o comando da família Saad no Brasil, que integra ainda redes de televisão abertas e fechadas, portais na internet e a própria rede de radiodifusão. O formato da emissora é *talk and news*, mas figura nas pesquisas do Kantar Ibope Media como a *all news* mais ouvida na capital fluminense¹. A sede fica no Rio de Janeiro, mas a concessão foi habilitada em Niterói, região metropolitana. Fundada em 2004 na capital paulistana, após a compra da então Rádio Sucesso, foi a primeira a transmitir notícias 24h em FM no país e, em 2016, conta com cabeças de rede em São Paulo e Rio de Janeiro e afiliadas em Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Brasília, Fortaleza, João Pessoa, Vitória e Orlando, nos Estados Unidos, entre outras praças.

O cenário promissor presente no crescimento do número de retransmissoras ou afiliadas e os números da audiência não estão refletidos no quadro de contratações de jornalistas. Nas pesquisas de audiência de 2015 e 2016, esteve à frente da *CBN* no Rio de Janeiro, segundo o Kantar Ibope Media. Durante o período da pesquisa, a *BandNews* contava com 35 jornalistas na produção de reportagens, seleção de pautas, administração do *site* e até mesmo na operação da mesa de som no estúdio. Além disso, seis estagiários dividem turnos na produção e apuração de informações na redação. A imposição de um perfil de profissional multitarefa e multiplataforma é parte do cotidiano do radiojornalismo, com a diminuição no número de jornalistas, cada vez mais confinados às redações devido a políticas de redução de custos com deslocamentos (Lopez, 2010).

Nesse contexto, o objetivo do artigo é analisar o processo de *gatewatching* na seleção das fontes via *WhatsApp* no programa local da emissora no Rio de Janeiro. Uma das principais características apresentadas pela emissora é o alto número de vozes populares selecionadas por meio da interação no aplicativo de mensagens instantâneas. A partir de uma observação sistemática realizada durante uma semana na redação, os dados mostram um encaixe temático de vozes populares selecionadas, o exercício da curadoria colaborativa em conjunto com os ouvintes e os constrangimentos da apuração no perfil do jornalista sentado e ausente do palco dos acontecimentos. Também nesse processo, o rádio possui especificidades como a atualização contínua e a descentralização do conjunto de apuração e entrada das informações na grade de programação.

2. *Gatewatching* e realimentação ao vivo no radiojornalismo

Analisa-se o meio dos conceitos de rádio expandido, desenvolvido pelo professor e pesquisador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Marcelo Kischinhevsky (2016); e rádio hipermediático, como proposta da professora da Universidade Federal de Ouro Preto, Débora Cristina Lopez (2010). Nesses dois casos, o meio é envolvido por características específicas de atualização das informações e do próprio processo produtivo que compõe a construção da notícia em emissoras *all news*. Os conceitos de *gatekeeper* e *gatewatching*, nesse sentido, demandam do reconhecimento das especificidades em que os jornalistas estão envolvidos. No ao vivo, a construção informativa

ao longo do dia, a possibilidade de entrada de informações por diversos portões comandados por chefes de reportagens, repórteres, editores e até os apresentadores dos programas nos faz repensar a lógica da *web*, televisão ou dos meios impressos. Como afirmam Shoemaker & Vos (2011), os *gatekeepers* estão em variados canais, sejam nas assessorias e agências, sejam nas funções exercidas no próprio meio.

Para esses autores, é no terceiro canal que a audiência exerce o papel de *gatekeeper* com a seleção, compartilhamento e o comentário realizado pelos leitores/ouvintes/telespectadores, reforçado com as novas tecnologias da informação via internet (Shoemaker & Vos, 2011). De acordo com o argumento utilizado neste sentido, as percepções dos jornalistas agora interagem entre o que é recebido pela audiência e os valores notícia e as relevâncias pessoais atribuídas aos conteúdos. A partir de estudos no *The New York Times* em 2008, Shoemaker, Seo & Johnson (2008) identificaram diferenças entre os critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornalistas e os destacados nas preferências da audiência, em exemplos como itens sobre a manutenção de leis e normas ou então que levem o leitor para dentro da história e explicitem interesses relativos a grupos que estão inseridos.

A proposta que segue para a longevidade das notícias mais acessadas no site ainda carece de reflexão, principalmente por considerar que a interação, não necessariamente é um fruto do advento da internet. Torna-se fundamental o reconhecimento do papel da audiência, mas ainda com a possibilidade de manutenção de critérios fundamentais da instituição jornalística. A função mediadora entre o interesse público e o interesse do que vem do público é uma das bases na seleção das informações. Por isso, a interação realizada entre ouvintes e emissoras constitui essa audiência como fonte na programação pelo interesse em levar informações ao ar ou somente pela seleção exercida pelos jornalistas no processo produtivo (Lopez, 2010).

Ao contrário de Shoemaker & Vos (2011), Bruns (2011) argumenta que o jornalismo colaborativo ou cidadão está sendo explorado desde os anos 1980, mas de forma limitada e ainda na convencional produção de cima para baixo. Para ele, há uma mudança radical com as plataformas de mídia social: a interrupção nos modelos jornalísticos de *gatekeeping* e o desenvolvimento do *gatematching*. A escassez de canais de mídia e o crescimento do jornalismo participativo com as possibilidades da internet foram bases

dessa mudança. Em vez do papel de porteiro ou selecionador, a nova função seria agora a de curadoria, como um guia para as informações ou o vigia do que estava sendo destacado pelo próprio público.

Segundo Bruns (2005), o *gatematching* é um processo de produção de notícias sem uma estrutura hierárquica que o controle tradicional havia estabelecido. Ele argumenta que o público tem acesso a diferentes fontes e nem sempre depende dos jornalistas ou da própria mídia para a produção e difusão das notícias. Sem responder claramente se isto se trata realmente de jornalismo, o autor pressupõe que as novas tecnologias proporcionaram o envolvimento dos usuários no acompanhamento e observação do alto número de materiais noticiosos. Mesmo assim, reconhece que não possuem condições de guardar e controlar os portões dos canais de informação disponibilizados com base nos valores notícia estabelecidos pela profissão.

O que resulta deste processo da *ad hoc curation* colaborativa das notícias é em primeiro lugar um fluxo regular de atualizações e informações de fundo que evolui na medida em que a compreensão compartilhada do próprio evento se desenvolve; isto ocorre atualmente com tanta velocidade que mesmo os canais que divulgam as notícias durante 24 horas – anteriormente o padrão-ouro para as reportagens noticiosas atualizadas – agora estão fazendo regularmente referência às informações que conseguiram colher de matérias no Twitter e em outras fontes semelhantes da mídia social. (Bruns, 2011, p. 132)

Com base neste argumento, o autor reafirma a posição dos jornalistas profissionais de aprofundar as informações dentro dos canais de mídia, buscando na investigação um norte para a produção neste novo modelo. Já o público age colaborando com a seleção de materiais informativos e o compartilhamento dos eventos para atualização com a velocidade que demanda a difusão de notícias no atual momento.

“Este compartilhamento maior entre os jornalistas industriais e os usuários contribuintes deixaria para os primeiros mais espaço para se concentrarem no seu trabalho investigativo e no desenvolvimento de matérias originais, que são menos viáveis para os contribuintes não jornalistas sem remuneração” (BRUNS, 2011, p. 130).

A introdução deste novo modelo, segundo o autor, seria a consequência da racionalização dos processos de produção de notícia, com demissões e a redução do quadro de jornalistas nas empresas de mídia. Os sucessivos cortes nas redações, ao lado da multiplicidade de canais informativos e a crescente interação com a

audiência nas mídias sociais contribuíram para o reposicionamento nos mercados de mídia, o *lobbying* de concorrentes, patrocinadores e investidores, e a própria revisão do conceito clássico do porteiro. Desta forma, Bruns (2011) defende que, por parte dos jornalistas enquanto *gatekeepers* de espaços centrais para cobertura e difusão de informações, o domínio está perdido.

Outro argumento sobre o *gatewatching* é de que as organizações podem continuar controlando a agenda de notícias, mas se torna improvável que fomentem o debate público no complexo midiático atual (Bruns, 2011). Dentro deste panorama, o autor reconhece a continuidade do jornalismo como uma instituição que deve prevalecer pela qualidade na construção noticiosa, principalmente de caráter investigado, porém segue para um rumo ainda não mapeado em sua totalidade no sentido de reconhecer vantagens e desvantagens do conceito e da participação do público na internet.

Já a pesquisadora brasileira Adriana Barsotti (2014), no livro *Jornalista em mutação: Do cão de guarda ao mobilizador de audiência* que resultou da dissertação de mestrado premiada pela Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, propõe cautela e afirma que os conceitos se mantêm em paralelo e se sobrepõem em alguns casos. Em uma pesquisa realizada com o editor da primeira página do jornal *O Globo*, a autora aponta uma contextualização aplicada ao que chamam de *Mr. Web Gates* como jornalista enquanto mobilizador de audiência na internet. Ela argumenta que a abordagem do *gatewatching* se superpõe ao *gatekeeping*, pois mesmo na web, o jornalista continua com o papel de selecionar e checar as informações que estão sendo veiculadas e que os dois casos não dão conta das reconfigurações exercidas no papel de mediação entre as notícias e o público.

Em todos os casos, de uma forma ou de outra, os meios condicionam a produção jornalística em diferentes especificidades. Do formato impresso ao online, a manutenção dos valores notícia e seus critérios de noticiabilidade são aspectos que embasam a seletividade das informações do *gatekeeper* ou do *gatewatcher*. Assim, reconhece-se aqui a necessidade da manutenção de abordagens em torno da reconfiguração dos processos de seleção, que são anteriores inclusive ao período compreendido pela internet. Por outro lado, surgem ainda mais necessidades da realocação do conceito nas especificidades do radiojornalismo e suas dinâmicas de construção da notícia.

Sobre a definição em torno das fontes, Pinto (2000) oferece, além de uma classificação que será tratada mais à frente, um debate oportuno sobre os interesses e a forma com que se apresenta no trabalho jornalístico. Para o autor, pessoas, grupos, instituições sociais ou até mesmo vestígios oriundos de falas, documentos, dados que são preparados, construídos ou deixados propositalmente se constituem como fontes. As instituições ou agentes utilizados pelos jornalistas remetem a posições e relações sociais “para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. Em suma, as fontes (...) são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua atividade a partir de estratégias e com táticas bem determinadas” (Pinto, 2000, p. 278).

A lógica que propõe o autor parte do questionamento sobre o que querem as fontes quando procuram o jornalismo. Assim, volta-se à origem da discussão sobre a utilização do termo, pois a metáfora remete a um lugar onde nasce água fresca, a origem de algo, da vida, da fecundação em que alguém procura a fonte para coletar algo. Para Pinto (2000) essa lógica está invertida diante da sofisticação no terreno da distribuição das informações principalmente diante da profissionalização desses agentes. Algo que Neveu (2006) também argumenta sobre os mal-entendidos em um comportamento ativo por parte dos jornalistas na busca pelo abastecimento de dados, falas e recursos que agreguem a uma notícia. O erro estaria em reconhecer que essas fontes são fundamentalmente ativas, não necessariamente porque os profissionais não tenham espírito de iniciativa ou liberdade: “Se uma metáfora aquática pode fazer sentido, é a de jornalistas submersos num dilúvio de informações oferecidas pelas fontes” (Neveu, 2006, p. 95).

Ainda que os autores reconheçam essa situação, a profissionalização não necessariamente deixa de posicionar os diferentes tipos de fontes numa programação jornalística. A seleção, pelo *gatekeeper* ou *gatewatcher* continua por meio dos valores notícia e até mesmo pelas vias de fuga dos próprios jornalistas, na utilização do *off* ou mesmo na produção de materiais que não interessam às próprias fontes. Pinto (2000) elenca uma série de objetivos pelos quais perseguem as fontes e os jornalistas:

As fontes buscam: 1. a visibilidade e atenção dos media; 2. a marcação da agenda pública e a imposição de certos temas como foco da atenção colectiva; 3. a angariação de apoio ou adesão a ideias ou a produtos e serviços; 4. a prevenção ou reparação de prejuízos e malefícios; 5. a neutralização de

interesses de concorrentes ou adversários; 6. a criação de uma imagem pública positiva.

Por sua vez os jornalistas busariam: 1. a obtenção de informação inédita; 2. a confirmação ou desmentido para informações obtidas noutras fontes; 3. a dissipação de dúvidas e desenvolvimento de matérias; 4. o lançamento de ideias e debates; 5. o fornecimento de avaliações e recomendações de peritos; 6. a atribuição de credibilidade e de legitimidade a informações directamente recolhidas pelo repórter (PINTO, 2000, p. 280).

A margem de manobra existente na rede noticiosa, a qual apontam Pinto (2000) e Tuchman (1983), é uma das bases pelas quais levam a interrogações na relação e seleção das fontes. Os jornalistas possuem lógicas de atuação, gerem e redirecionam as informações como um poder que não pode ser menosprezado (Pinto, 2000). Há que se diferenciar nesse processo os distintos graus de acesso ao temário jornalístico (Molotch & Lester, 1999) e as novas possibilidades de contextualização diante de agentes que aparecem por meio do *gatewatching*. Há uma zona cinza que envolve a capacidade dos movimentos sociais e fontes populares não profissionalizadas e distintas do poder econômico em sensibilizar esses profissionais. Para além disso, as próprias vozes que não aparecem nos meios, mas auxiliam os profissionais na cobertura de uma determinada temática não se fazem presentes no estudo taxonômico que será aprofundado à frente.

Essa complexificação, por trás do cenário que Pinto (2000) chama de “cor-de-rosa”, envolve uma diversidade e a multiplicação de vozes no cenário midiático. A primeira base é que nenhuma fonte torna público algo que seja inconveniente a si ou a organização a qual pertence. Cabe ao jornalista a procura, o tratamento, a seleção e a construção da notícia, desde que não ocorra a utilização total de um release, por exemplo. O autor reconhece que nessa multiplicidade, o crescimento de dados e informações expressam as intervenções de diferentes atores no cenário social, reforçando o argumento aqui presente do jornalismo como um espaço de disputas.

Se de um lado estão as fontes cada vez mais profissionalizadas na relação com os jornalistas, de outro estão as novas possibilidades de seleção de agentes populares por meio da interação cotidiana. O processo de *gatewatching* é um exemplo desse aspecto na construção colaborativa das notícias com as contribuições do público. No caso apresentado por Bruns (2005, 2011), a interação com os leitores foi fundamental para a cobertura dos gastos de parlamentares no *The Guardian* o que não invalida ou retira o papel do profissional na

mediação entre as informações e os valores notícia. No entanto, torna-se necessário aprofundar as diferenças conceituais nesse processo de curadoria ou de seleção dos materiais do público, principalmente com as possibilidades de acesso (Molotch & Lester, 1999) por meio da interação.

Reconhecer o papel do público como fonte no caso da *BandNews* com uma estrutura específica de seleção de vozes e informações via *WhatsApp* ao interagir com os ouvintes requer o debate sobre os marcos conceituais envolvidos nesse processo. As diferenças entre os conceitos de participação, interação e acesso, tratados muitas vezes como sinônimos provocam equívocos nas análises sobre a presença da audiência nos conteúdos midiáticos. O discurso sobre a interatividade como um fruto da cultura participativa não permite um aprofundamento nos estudos sobre a relação entre os novos atores e a sociedade (Primo, 2007). Até mesmo estratégias de treinamento de setores populares para a entrada nos jornais tradicionais com conteúdos produzidos na periferia como fez, por exemplo, o quadro “*Parceiro do RJ*” no RJ TV da *TV Globo* do Rio de Janeiro já foram iniciativas que tentaram novas abordagens e não levaram necessariamente a conteúdos mais diversos ou inovadores (Becker, 2012).

3. O processo de *gatewatching* na *Bandnews*

O período de amostragem escolhido para a pesquisa foi a semana de 14 a 18 de agosto na *BandNews Rio* com foco nos radiojornais *BandNews Rio* 1ª Edição durante as manhãs e o *BandNews Rio* 2ª Edição, durante as tardes. Como afirma Gil (2008), a observação sistemática é sempre seletiva e enquadra-se nessa amostragem que permite o acesso a dados fundamentais para o cruzamento com as entrevistas semiestruturadas. Nesse contexto, a semana é suficiente para encontrar questões e situações que estruturam o debate sobre o processo de seleção do *gatewatching* radiofônico. As fontes populares, como foco desse processo via *WhatsApp*, são definidas como pessoas comuns, que se apresentam como vítimas de determinada situação – um crime, uma injustiça, uma política pública ineficiente – ou lançam mão de táticas de espetacularização para conseguir visibilidade e reivindicar melhorias no seu cotidiano (Schimitz, 2011; Lage, 2001; Pinto, 2000; Kischinhevsky & Chagas, 2017).

As entrevistas têm o objetivo de explorar o espectro das opiniões dos jornalistas nas redações das emissoras a partir diferentes representações sobre o cotidiano da cobertura sobre a seleção das fontes (Gaskel, 2002; Paterson, 2008; Cruz Neto, 2002) e foram realizadas no mês de agosto com seis jornalistas da *BandNews Rio*: Rodolfo Schneider, diretor de jornalismo; Taís Dias, chefe de redação; Mário Dias Ferreira, chefe de reportagem; Carlos Briggs, coordenador de produção e repórter; Tatiana Campbell, repórter do *WhatsApp*; e Marcus Lacerda, repórter do site. Pretende-se entender questões como a atuação profissional na escolha, seus critérios de noticiabilidade e os constrangimentos organizacionais presentes no processo de *gatewatching*.

O *WhatsApp* é a principal plataforma de relação com as fontes na redação da *BandNews Rio*. O aplicativo de comunicação concentra um grande volume de trabalho na apuração de dados oriundos dos ouvintes. Alguns jornalistas chegam a afirmar que a redação se tornou dependente desses dados já que a escuta desse tipo de fonte seria a “principal prioridade da emissora”. Jargões como a “rádio a serviço dos ouvintes”, “feita pelos ouvintes”, “construída pelos ouvintes” são comuns nessa ótica de seleção considerando-os como fontes no processo de seleção das informações.

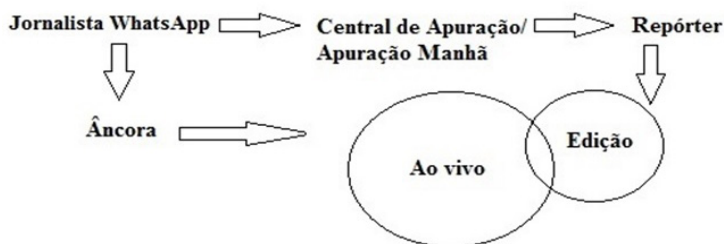
O produtor Carlos Briggs explica que no caso de coberturas sobre a Operação Lava Jato no Rio de Janeiro ou ações de fontes oficiais específicas na área política, a emissora sai perdendo por manter uma lógica em torno somente dos ouvintes. Por outro lado, não chega a citar possibilidades do uso desses ouvintes mesmo em casos como os citados pelo profissional, voltando à lógica do encaixe temático em trânsito e segurança. Há uma dependência direta, pelo contexto em que a emissora trabalha com poucos profissionais, dos materiais que chegam por meio do *WhatsApp*.

A *BandNews* criou uma lógica que não consegue mais sair, e nem quer. A emissora é o ouvinte, 99% vêm do ouvinte. Então a nossa relação com as fontes oficiais não é da mesma forma que outras emissoras. Por exemplo, é muito comum nas operações da Lava Jato, a *TV Globo* estar posicionada nos endereços das operações, enquanto a gente não. Nesse aspecto a gente come muita poeira porque não temos uma relação mais próxima dessas fontes oficiais. (C. Briggs, comunicação pessoal, 22 de Agosto, 2017)

Além desses dados dos ouvintes via *WhatsApp*, a relação com fontes profissionalizadas como concessionárias de trânsito também

são constantes no cruzamento de informações em grupos e enviados diretamente pelos órgãos no aplicativo de mensagem instantânea. As redes sociais como *Facebook* e *Twitter* são comuns na consulta a páginas de fontes oficiais e perfis de pessoas que se tornaram fontes na consulta sobre as temáticas. Além disso, aplicativos de *crowdsourcing* como *Onde Tem Tiro (OTT)*, *Fogo Cruzado* e *Waze* também são utilizados para consultas sobre segurança e trânsito. O fluxo de apuração das notícias segue a Figura 1, o que demonstra a dependência direta das interações para cobrir pautas diante do baixo número de profissionais presentes na cobertura. Nas notícias programadas ou agendadas, a diferença é a indicação prévia da chefia de reportagem para a indicação das pautas cobertas pelos repórteres que vão para as ruas.

Figura 1 – Fluxo de Apuração/Seleção de fontes



Fonte: Elaboração do autor.

Em muitos casos na ausência da resposta do outro lado ou na busca pelos órgãos oficiais, a matéria é gravada com o ouvinte e vai para o ar da mesma forma. No caso do grupo, os jornalistas ainda podem indicar novas fontes sobre determinados assuntos. Na quinta-feira, por volta das 10h30, quatro repórteres estavam nas ruas para apurar três pautas agendadas e um deslocamento realizado para apurar casos de ouvintes oriundos do *WhatsApp*. Foi também na plataforma que surgiu o contato do caminhoneiro sobre um assalto a caminhão na avenida Brasil assim como toda a cobertura de trânsito e segurança durante o dia. A edição dos textos é o único foco do sistema integrado de correção pelos coordenadores de produção e chefe de reportagem. Além disso, toda a interação é realizada em conversas mantidas entre a jornalista sentada responsável pela plataforma e os ouvintes durante a programação.

Os jornalistas selecionam as fontes em uma diversidade de formas ao longo do radiojornal local. Os âncoras, mesmo na apresentação do radiojornal, continuam utilizando o *WhatsApp* e o telefone para receber informações e sugestões de pessoas das mais diversas instituições. Rodolfo Schneider utiliza o e-mail e a internet para pesquisar questões relacionadas aos temas discutidos, além de dados oriundos da redação no caso da segurança, número de policiais mortos ou tiroteios. Já Boechat possui o esquema de produção com os dois jornalistas da redação que selecionam sonoras, informações consultadas com as fontes e repassam dados de ouvintes e outros setores, como respostas das assessorias de comunicação de órgãos oficiais. Em dois casos, Schneider recebeu informações no seu celular durante o programa sobre a prisão dos policiais que pediam dinheiro para traficantes em São Gonçalo.

Todos os repórteres produzem diretamente das bancadas na redação, ao contrário da profissional responsável pelo *WhatsApp* que constrói no estúdio ao vivo as notícias das pautas selecionadas do contato com os ouvintes. Nesse caso, o maior número de mensagens é recebido entre as 9h30 e as 11h30, justamente a apresentação do *BandNews Rio* 1ª Edição. Ela realiza um filtro entre comentários e subsídios que podem auxiliar ou possuem intensidade de informação. Em casos que necessitam de apuração, ela desloca as mensagens com o número do contato para dois grupos: Central de apuração que integra a redação com a *BandNews TV* e a *TV Bandeirantes* do Rio de Janeiro; e o segundo que compreende a *Apuração Manhã* com os jornalistas da rádio.

A maior parte dos casos entra na temática trânsito com o critério de que quando três ouvintes enviam a mesma informação, ela entra no ar. Também para esse processo, ela utiliza um bloco de notas que vai acrescentando as informações a partir da interação dos ouvintes cruzando dados com informações de trânsito do aplicativo *Waze* e de fontes oficiais e institucionais relacionados ao tema. Da mesma forma, os jornalistas que recebem esses dados procuram apurar as informações com os ouvintes que entraram em contato e selecionando outras fontes, como especialistas e oficiais para contextualizar e aprofundar os dados.

Os comentários de ouvintes sobre os posicionamentos dos âncoras pelos ouvintes são filtrados e, em muitos casos, não considerados em questões como política e até mesmo segurança. O argumento é de que a intensidade de informações, ou produtividade

segundo Traquina (2005), seria o que interessa para a emissora e não comentários soltos dos ouvintes sobre determinados temas. Assim, critérios de serviço e impacto são os principais utilizados no momento da seleção. A jornalista responsável pelo *WhatsApp* também seleciona fontes com pautas que possam dar continuidade nos relatos enviados. No caso do caminhoneiro assaltado na terça-feira, a ligação virou uma reportagem sobre os assaltos na avenida Brasil. Os estagiários auxiliaram na seleção de agentes oficiais e especializados que pudessem complementar os dados apresentados pela fonte popular.

Mesmo que trabalhando de forma sentada (Neveu, 2006; Pereira, 2004) e garantindo um acesso por meio de uma interação com os ouvintes (Carpentier, 2012), a jornalista cumpre o papel de acrescentar ao radiojornal um volume considerável de notícias construídas em conjunto com essas fontes populares. O exemplo está no que aconteceu na quarta-feira, quando por volta das 6h a jornalista recebeu uma foto enviada pelos ouvintes com a estátua do cantor Michael Jackson com um fuzil em uma das comunidades do Rio de Janeiro. Em menos de uma hora, ela interagiu com mais de 20 ouvintes confirmando a mesma informação e conversando com estes sobre a situação. Depois de desmentir boatos, analisar os relatos enviados com novos dados sobre a presença do tráfico na região, a informação é repassada para o grupo Central de Apuração e Apuração Manhã e uma repórter é deslocada para apurar o caso com outras fontes. A confirmação do caso acontece às 10h com a entrada ao vivo no *BandNews Rio* 1ª Edição com novos relatos enviados sobre a situação dos moradores que foram ouvidos e colocados no ar.

Uma das questões que fica evidente ao longo da cobertura é a impossibilidade de esperar o repórter ir até o local dos acontecimentos no ritmo de velocidade ao vivo da emissora. Assim, a seleção das fontes é realizada dentro da redação, na qual o repórter grava com a fonte e leva a matéria para o ar. É responsabilidade de cada um fazer a seleção e o contato com as fontes numa lógica de dependência e confiança na fidelidade delas com a “verdade”. Da mesma forma é a seleção do que ela fala, o que corresponde ao nível de informação e de possibilidade de cruzamento de dados com outros setores oficiais.

A procura por histórias que possam render reportagens na programação se dá pelos produtores, mas a indicação de fontes também passa pelos repórteres que estão na redação ou vão para a rua. Nesse caso, a continuidade de pautas oriundas do *WhatsApp* e do *Facebook* é a forma com que os jornalistas selecionam as vozes que

entram na cobertura ou recebem indicações de fontes que auxiliam os jornalistas. A seleção das fontes até a chegada ao ar é rápida pela necessidade de informações em “tempo real” e antes dos concorrentes.

O envolvimento citado varia entre diferentes formas de seleção/relação com uma fonte que além de enviar as informações também possui um canal de respostas da Repórter do *WhatsApp*. Há que se ressaltar que no caso da emissora, existe um profissional específico para selecionar e apurar os dados oriundos das fontes populares por meio do aplicativo de mensagem instantânea. Então a definição de “jornalista amador” não se encaixa no modelo de colaboração existente no processo de seleção.

A chefe de redação Taís Dias é responsável, em conjunto com o chefe de reportagem Mário Dias Ferreira pela política de verificação dos materiais que saem da Repórter do *WhatsApp* e vão para o grupo Central de Apuração. Mesmo diante do trabalho intensivo que a velocidade na produção das notícias imprime na redação da *BandNews*, Ferreira destaca que a inovação e a tecnologia no processo de seleção das fontes é um caminho sem volta. A agilidade do processo, segundo ele, precisa ser amparada pelo compromisso de não levar ao ar nada que não tenha passado pela apuração. Porém, nesse quesito, foi possível perceber que diante do trabalho da repórter do *WhatsApp* era praticamente impossível parar para refletir sobre determinadas pautas. As “corriqueiras” de trânsito e segurança entravam praticamente todas no ar, enquanto as denúncias seguiam para a equipe de apuração.

No caso do monumento em homenagem ao cantor Michael Jackson, o chefe de reportagem exemplifica a mudança pela qual passou a emissora nos últimos anos e que continua como um objetivo na estrutura da emissora. Na apuração, o conjunto de profissionais na emissora auxiliou na angulação dos dados com as fontes oficiais como a Polícia Militar e Civil, além dos próprios moradores da região, o que proporcionou o aprofundamento da notícia. M. D. Ferreira (comunicação pessoal, 26 de Agosto, 2017) destaca que nem sempre a fonte que envia a informação aparece na programação pelo número de pessoas que entram em contato, como foi o caso. O fluxo passou do *WhatsApp* para a apuração, do ar para o site.

Como já destacado, a estratégia que se mantém por meio do telefone, do e-mail, dos sites de redes sociais ou da antiga agenda de fontes se concentra no *WhatsApp* com dois profissionais trabalhando nos turnos da manhã e da tarde focados nessa interação. O trabalho se resume a atuar de forma sentada selecionando os materiais oriundos

de fontes populares e oficiais por meio da plataforma, armazenando mensagens durante todo o *BandNews Rio* 1ª Edição e repassando para a Central de Apuração. Segundo ela, a identificação “ouvinte final de telefone” se justifica porque “na maioria das vezes as fontes não querem ser identificados [sic] em casos de tiroteios ou acidentes” (T. Campbell, comunicação pessoal, 23 de Agosto, 2017).

No grupo da Apuração o que eu mando são denúncias de diversos tipos, problemas em hospitais, saúde, a enrolação [sic] do serviço público eu passo para a apuração e a produção do Boechat. Questões de meio ambiente, por conta de vazamentos de óleo no mar ou poluição, esgoto, que envolve a prefeitura, além dos factuais como tiroteio e manifestações que precisam dessa angulação. Eu não repasso comentários porque isso não vai acrescentar nas pautas. Agora se é um comentário com denúncia isso vai para o relatório que será utilizado depois na apuração. Por exemplo, um ouvinte comenta sobre um projétil dentro de casa, vai para o ar e logo depois uma série de comentários aparecem com outros relatos, eu não jogo dentro do grupo, mas para uma pauta terão novas fontes em diferentes pontos do Rio. (T. Campbell, comunicação pessoal, 23 de Agosto, 2017).

Mesmo com a evidência dada em todas as entrevistas sobre o recurso do *WhatsApp*, a utilização se resume ao contato e a seleção das vozes como uma forma tradicional que englobam ainda o telefone, o e-mail e os contatos pessoais existentes já de antemão (R. Schneider comunicação pessoal, 29 de Agosto, 2017). A utilização da tecnologia, segundo M. D. Ferreira (comunicação pessoal, 26 de Agosto, 2017) não exime dos cuidados necessários na apuração cotidiana, mas abre possibilidades para a entrada direto do factual que “vai para o ar na hora” ao contrário das denúncias que são analisadas e apuradas para que não entrem trotes ou notícias falsas.

Os cuidados com a seleção em torno de questões éticas e profissionais são os principais focos de questionamento quanto à forma com que aparecem na programação as colaborações em trânsito e segurança. Não se propõe aqui fazer uma dualidade entre o “ouvinte final de telefone” e os setores oficiais a partir de sua hierarquia da credibilidade, como destaca Traquina (2005). Chaparro (1994) já alertava para as mentiras oriundas de fontes que possuem poder no caso do então presidente da CBF, João Havelange. Rodolfo Schneider afirma que o cruzamento dos dados com setores oficiais para o aprofundamento das informações e a confirmação dos dados continua:

O que acabamos tendo na relação com o ouvinte é a intensidade dos dados que eles nos repassam, a gente acredita no ouvinte até porque enquanto um liga, outros também falam sobre a mesma informação, cruzamos os dados e levamos para o ar.

Nós confiamos plenamente no ouvinte, o que não quer dizer que não nos enviem boatos, coisas que estão 'viralizando', achando que é verdade (R. Schneider, comunicação pessoal, 29 de Agosto, 2017).

A característica do *gatewatching* é utilizada na curadoria dos materiais enviados, inclusive na resposta dada aos ouvintes quando um material não é verdade. Quando algo passa e vai para o ar, a correção é realizada mesmo sabendo que algo que não aconteceu já foi transmitido: “A gente acredita no que ele está falando no sentido de ir atrás daquela informação, não no sentido de que o que ele mandou a gente bota no ar imediatamente” (R. Schneider, comunicação pessoal, 29 de Agosto, 2017). É possível, nesse sentido, afirmar que ao contrário do que pregam os profissionais da emissora, não há uma inversão da prioridade às fontes populares que continuam dependentes da confirmação da fonte oficial sobre determinadas temáticas. Algo que não acontece quando é ao contrário, pois as agendas estabelecidas por essas instituições entram com o acesso direto à programação na escala dos profissionais que vão para a rua.

[Sobre a utilização do *WhatsApp*] A cada dia temos notado que é uma ajuda, mas também é um perigo. Imagina se passar algo que é uma mentira que afeta muita gente. O caso da van escolar em São Gonçalo é outro exemplo em que a gente confirmou com a Polícia Militar e outros meios de comunicação. São coberturas dinâmicas, e a gente teve uma preocupação pelas crianças, claro que tem coisa que demora. Tem ouvintes que se tornam fontes nossas e a gente confia mais, quase como um colunista, uma pessoa ligada a autoridades, enfim. Até outros meios ligam para cá pedindo o telefone do ouvinte dependendo da história que ele passa. (M. D. Ferreira, comunicação pessoal, 26 de Agosto, 2017).

Nesse tipo de fonte existe uma distinção estabelecida pelos profissionais entre o “ouvinte cativo” que mantém uma relação de credibilidade pelo número de vezes que entrou em contato com informações relevantes; e aquele que habitualmente ou pela primeira vez está se relacionando com a emissora (C. Briggs, comunicação pessoal, 22 de Agosto, 2017). Ele destaca a velocidade das informações e do trabalho desempenhado com um número enxuto de profissionais, nos quais há um limite tênue entre os valores notícia implicados na cobertura e o risco de errar. A explicação para a busca do outro lado em todos os materiais, segundo o coordenador de produção, é a mesma aplicada para outros tipos de fonte: “A questão da credibilidade é fundamental. Não vou ser hipócrita. Dependendo da direção e do tom que a pessoa está dando, a gente corta, pois

a responsabilidade aumenta em buscar o outro lado, analisar uma questão mais de perto. A Band segue uma linha editorial, mas nunca fui censurado” (C. Briggs, comunicação pessoal, 22 de Agosto, 2017).

4. Considerações finais

Os dados levantados na redação da *BandNews FM* no Rio de Janeiro apontam uma série de questões para contínuos debates no âmbito do jornalismo e de novas estratégias profissionais no modelo de *gatewatching*. As especificidades do radiofônico contrapõem os discursos que generalizam demandas e formas de trabalho que, ao contrário da web ou da televisão por exemplo, são inerentes ao perfil do jornalista e da equipe que apura notícias 24h para um meio tão acessível como o rádio. Os casos de trânsito e segurança são exemplos que reforçam essa acessibilidade, mas levantam problemas como o encaixe em determinadas temáticas. Além disso, dois pontos de discussão apontam características que reforçam os conceitos em torno dos estudos de radiojornalismo: a atualização contínua no *gatewatching* e a centralização do papel da jornalista que faz a apuração com os ouvintes.

No primeiro aspecto, a especificidade do modelo de *gatekeeping* é demonstrado no caso da *BandNews FM* por estar presente na função de âncoras, produtores, na jornalista do *WhatsApp*, repórteres e estagiários que com a velocidade do tempo entre a apuração e a ida da informação ao ar acumulam as funções na construção da notícia. Como afirmam Shoemaker & Vos (2011), não se pode compreender o processo de *gatekeeping* a partir de um único formato diante das diferentes plataformas jornalísticas. O *gatewatching*, nesse processo, acontece durante toda a apresentação do programa no papel da jornalista que, além de selecionar ouvintes que serão entrevistados para pautas específicas, realiza a curadoria de informações sobre trânsito e segurança com os dados enviados via mensagens instantâneas.

O canal da audiência acaba sendo uma das principais vertentes de coleta de informações e da seleção das vozes que vão compor as notícias construídas no cotidiano da emissora. É comum, a percepção entre os profissionais na redação de que a relação estabelecida com as fontes populares mudou o formato de apuração das notícias. Por outro lado, a diversificação dos agentes que efetivamente se fazem ouvidos no conjunto da programação ainda aparece pouco na fala

dos entrevistados. A curadoria colaborativa como um processo de *gatemwatching* se estabelece na seleção e construção das notícias ao longo da programação ao vivo, dando singularidade ao modelo de trabalho com o profissional exclusivo ao recurso utilizado na interação com os ouvintes no âmbito radiofônico.

O segundo aspecto demonstra também como a seleção das fontes para a construção das notícias é efetuada pelos jornalistas e marcada pela convergência de mídias e o rádio expandido. A utilização do aplicativo de mensagens instantâneas para o contato com as fontes populares se sobrepõe na hora de escolher as vozes para o conjunto das notícias, o que deixa nebuloso o tratamento das informações com fontes tradicionais na redação. O modelo de trabalho executado na *BandNews Rio* levanta possibilidades com a centralização do *gatemwatching* no papel da jornalista do *WhatsApp* e a velocidade do fluxo de chegada de novas pautas e acontecimentos. Ainda que de forma inicial e exploratória, a pesquisa evidencia a necessidade de debates não somente sobre novas estratégias profissionais com a curadoria e atualização contínua em conjunto com o público, mas também sobre constrangimentos organizacionais como intensidade de trabalho, o profissional sentado e ausente do palco dos acontecimentos e o encaixe temático das fontes que impossibilita a diversidade de vozes em diferentes temáticas abordadas.

NOTAS

- 1 Dado divulgado pela Associação de Emissoras do Rio de Janeiro (AERJ) em março de 2016. Recuperado de www.aerj.com.br/noticia/444-disputa-pelo-topo-segue-acirrada-no-rio-de-janeiro.-jb-fm-e-super-radio-tupi-avancam.

REFERÊNCIAS

Barsotti, A. (2014). *Jornalista em mutação: Do cão de guarda ao mobilizador de audiência*. Florianópolis: Insular.

Becker, B. (2012). Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. *Matrizes* (Online), 5, pp. 231-250. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v5i2p231-250

Bruns, A. (2011). Gatekeeping, gatewatching, real-time feedback: new challenges for Journalism. *Brazilian Journalism Research*. 7 (2), pp. 224-237. DOI: 10.25200/BJR.v7n2.2011.342

Carpentier, N. (2012). The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate? *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, 14 (2), pp. 164-177.

Chaparro, M. C. (1994). *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus Editorial.

Cruz Neto, O. (2002). O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In M. C. de S. Minayo (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (pp. 51-66). 21ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Gaskel, G. (2002) Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer, G. Gaskel (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-89). Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis, RJ: Vozes.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.

Kischinhevsky, M. (2016). *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X.

Kischinhevsky, M., Chagas, L. (2017). Diversidade não é igual a pluralidade – Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo. *Galáxia* 1 (36), pp. 11-124. DOI: 10.1590/1982-2554233396

Lage, N. (2001). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record.

Lopez, D. C. (2010). *Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*. Covilhã: UBI/LabCom Books. Recuperado de www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf

Molotch, H., Lester, M. (1999). A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (pp. 34-51). Lisboa: Vega.

Neveu, É. (2006). *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Loyola.

Paterson, C. (2008). Why ethnography? In: C. Paterson, D. Domingo, D. (Orgs.), *Making online news: the ethnography of new media production* (pp. 1-15). New York: Peter Lang.

Pereira, F. H. (2004). O jornalista sentado e a produção da notícia

online no Correio Web. *Em Questão*, 10 (1), pp. 95-108. Recuperado de seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/85

Pinto, M. (2000). Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. *Comunicação e Sociedade*. 14 (1-2), pp. 277-294. DOI: 10.17231/comsoc.2(2000).1401

Primo, A. (2007). *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina.

Schimitz, A. A. (2011). *Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Combook.

Shoemaker, P., Seo, H., Johnson, P. (2008). *Audience gatekeeping: a study of The New York Times most emailed items*. In Conference on Convergence and Society: The Participatory Web (3.0). University of South Carolina, Columbia, SC.

Shoemaker, P. J., Vos, T. P. (2011). *Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia*. Porto Alegre: Editora Penso.

Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo Volume I: Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.

Tuchman, G. (1983). *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gili.

Luãn José Vaz Chagas. Jornalista graduado pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), integra o Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas e é bolsista da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa no Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: luaanchagas@gmail.com

RECEBIDO EM: 10/12/2017 | ACEITO EM: 27/02/2018